

Banco Mundial não vê solução simples para a crise

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — A Diretoria do Banco Mundial crê que não existe, hoje, possibilidade de se resolver o problema da dívida externa de maneira conjunta, generalizada. A solução vai depender, daqui por diante, de iniciativas individuais: as tensões serão relaxadas “caso por caso”, afirmaram altos funcionários do Bird em entrevista concedida logo após a divulgação das sombrias perspectivas para 1988.

Jean Baneth, Diretor do Departamento de Ecor nia Internacional do Bird, afirmou:

— A situação, hoje, é menos favorável à solução da crise do que no ano passado. As taxas de juros deste ano serão mais altas e existe, ao mesmo tempo, um consenso de que haverá uma queda no crescimento da economia internacional.

Stanley Fischer, Vice-Presidente de Economia do Banco, disse que a instituição está disposta a aliviar os problemas dos países mais endividados. Mas reafirmou que não haverá “solução maciça” para a dívida:

— Existe algum progresso na discussão de novas idéias que começam a surgir, para encontrar-se um caminho. Mas as soluções só deverão aparecer isoladamente, caso por caso. O que se vai descobrindo, aos poucos, é que não há maneiras baratas de se conseguir a volta do fluxo de capitais em direção aos países mais endividados.

A solução da crise da dívida, enfim, não está nada próxima.

Seu colega Jean Baneth acrescentou que apesar das novas idéias que vêm surgindo, não se vê uma solução simples ou mesmo complexa:

— Sabe-se que há necessidade de novas ações para resolver o problema. Mas elas não têm vindo com rapidez suficiente para propiciar a imediata retomada do crescimento.

Baneth não quis precisar quando isso acontecerá e limitou-se a responder com uma profissão de fé:

— Isso acontecerá mais cedo ou mais tarde... — disse.

— O que o leva a confiar nessa afirmação? — perguntaram-lhe.

Ele saiu-se com uma evasiva:

— Porque algo sempre acontece...

De maneira geral, tanto Baneth quanto Fischer concordaram que de-

ve haver um alívio imediato da dívida, para que uma solução do problema possa ser vislumbrada a médio e longo prazo:

— O ideal é reduzir as tensões entre credores e devedores, não apenas durante seis meses, mas sim para alguns anos — disse Stanley Fischer.

A depreciação do valor de cada dólar emprestado pelos bancos internacionais aos países em desenvolvimento acentuou-se em 1987, segundo informou o Banco Mundial em seu estudo sobre a dívida externa.

Os dados fornecidos pelo Bird baseiam-se em estimativas da corretora Salomon Brothers, de Nova York, e revelam que a dívida brasileira, hoje, é negociada no mercado secundário a preços que só superam os dos débitos da Argentina, Bolívia, Equador e Nigéria.

País	Junho/86	Junho/87	Setembro/87
Argentina	64,00	47,00	37,00
Bolívia	6,00	9,00	9,00
Brasil	75,00	61,00	39,00
Chile	66,00	69,00	58,00
Costa do Marfim	74,00	62,00	60,00
Equador	63,50	49,00	33,00
Filipinas	59,00	69,00	59,00
Iugoslávia	79,00	75,00	60,00
México	60,00	56,00	47,25
Nigéria	55,00	29,00	25,00
Turquia	97,50	97,00	96,50
Venezuela	76,00	70,00	53,00